

## A LISTA DE JOB

**D**entre os milhares de documentos que venho juntando para começar a viver, sempre me falta um na hora necessária.

Mais de meio século já passou, e estou na mesma, sempre em preparativos.

As vezes espreito pelo buraco: as galerias estão aflitas, querem que eu me apresente assim mesmo. Mas como, se os papéis ainda não estão em ordem?

Saio sempre cedo para obtê-los. Se os consigo, que alegria! Fico habilitado a largar o país, a negociar, a casar, a fazer o que entendo! Mas, à hora de apresentá-los, nunca estão em condições: falta uma assinatura, há rabiscos em excesso aqui, o selo ali afastou-se dois centímetros do local designado, ou foi apostado em posição aflitiva de nadador a afogar-se, o que é de fato incômodo, e eles têm razão.

Há longos anos venho juntando esses documentos, afora os que recebi de herança, tão amarelinhos.

Organizo-os com cuidado. Quando tudo me parece pronto, saio satisfeito e digo: Ah! Agora sim, vou começar de verdade a minha vida.

Mas qual! Barram-me de novo as pretensões, alegando que não dispõem de tempo para examinar tanta papelada. Para que eu não fique sem ocupação, pedem-me novos documentos e saem mais que depressa para alcançar o último páreo das corridas. E eu volto para casa sem esperança de poder recomeçar minha vida. Toda ela tem sido isso: juntar papéis. Minhas malas estão cheias; meu quarto também.

Já penso em dormir ao ar livre para ceder a casa aos documentos.

O fato é que, quando me faltam alguns, sou expulso dos lugares onde me agrada ficar. Só me admitem – e assim mesmo com que desconfiança – em albergues e cais onde a mão do guarda me acorda de minuto em minuto para o exame dos títulos. Como me falte o documento para dormir, põem-me de pé e começo a cair de sono. Como também não estou habilitado a cair, devido ao atestado de boa saúde, obrigam-me a caminhar, a caminhar até o amanhecer,

até ser detido como vagabundo na linha odiosa da fronteira.

Aí me exigem a prova de nacionalidade. Abro o saco, retiro um papel, que é recusado sob alegação de que meu país deixou novamente de existir. Pergunto então a que pátria devo pertencer. Peço que me emprestem alguma. Respondem que o assunto ainda não foi discutido. Sempre assim: Tudo para depois...

Embrulho meus papéis, toco a andar de volta. Às vezes, à sombra de alguma árvore ou ponte, me distraio a relê-los. Alguns são estrelados de estampilhas, com riscos fulgurantes em zigue-zague pelas margens, as insígnias de alguma república ou império em cima...

Dá até vontade de lambê-los e só em contemplá-los a gente se sente bem. Quando a fome aperta, devoro alguns. Se o frio aumenta, cubro-me com eles.

À mínima alteração de fisionomia ou de conduta, correspondem novos documentos. Alegam que é para evitar surpresas. Tive assim que fazer prova dos dentes e cabelos que me caíam, da roupa usada, da minha cicatriz de guerra...

Minha coleção vai aumentar muito agora. Devido à natureza dos últimos acontecimentos, devo fazer declarações de tudo o que pensei fazer e não fiz. Ah! Vai ser assim até a morte.

Dei começo à tarefa. Paciência não me falta. Venho anotando milhares de coisas que deixei de fazer. Só de crimes a lista sobe a centenas.

Estou terminando o terceiro caderno dos prazeres. Muitos destes são tirados da coluna dos crimes.

Oh, como é perigoso e como embriaga o viver! Só agora o percebo, ao levantar a relação dos desejos segundo uma técnica especial que consiste em registrar tudo o que se quis praticar debaixo da rubrica geral “Deixei de fazer”, de modo a que, depois de certo tempo, a dita rubrica começa a distanciar-se tanto das frases, que é logo esquecida e ninguém se lembra mais se ela as está negando. E quando se opera o maravilhoso fenômeno: - o ato pensado passa a ser praticado, a vida sonhada se

“C’est grand dommage pour ce rêve  
Que l’on seul à l’achever”.

(Lacenaire – “Mémoires, révélations et poésies”)



realiza na vida manuscrita.

É tão agradável esse jogo que são capazes de proibi-lo.

Onde quer que esteja, paro para escrever, para aumentar minha lista. Não sei fazer outra coisa. Escrevo agora como quem se masturba. Já não me interessa o mundo imediato. Minha vida vazia enche-se de vidas possíveis. Construo o meu destino.

Queimei os velhos documentos. Disseram-me que foi imprudência; que depois disso é que não poderei mesmo ser nem ter nada. Que não existo. Pouco me importa! Censurar-me é fácil. Vá alguém experimentar o frio no alto da serra de Turuí. Toda a minha vida civil em chamas deu um calorzinho miserável de alguns minutos apenas!

O que quero é preencher minha lista.

Habito um bairro pobre. O dono do bar cedeu-me uma mesinha ao canto. Ali trabalho até de madrugada.

É a reforma do mundo! É o meu projeto.

Organizo primeiro a lista do que deve ser destruído. O dono não tira os olhos de mim. Manda-me servir de graça frios e cerveja. A freguesia está suspensa ao meu lápis mágico. Minha força é grande. Alguns me oferecem cigarros e parecem querer insinuar pedidos de caráter privado. O dono está pálido e trêmulo. Mandou perguntar-me se posso poupar o seu bar.

E se possível, uma negra de nome Joaninha...

## A MULHER – O ANJO DO AMOR

Edson Gurgel Coelho  
Associado da AABNB

Deus criou a mulher, inspirado na beleza da natureza, dando-lhe o encanto de uma rosa e o brilho da mais linda estrela.

Ela, quando **criança**, já revela, com a delicadeza de seus gestos, a amabilidade, no convívio da família.



Na **adolescência**, seus cabelos crescem como as pétalas de um lírio, adornando sua face delicada; enquanto o seu corpo se desenvolve de forma atraente e primorosa. Nesta fase, ele nutre sua mente com as ilusões e os sonhos mais lindos da mocidade.

Em breve, chegando a fase **adulta**, germina em seu coração a semente divina do amor, e ela, em união com o homem, assume a função de **mãe** para gerar e perpetuar a vida humana, em todos os recantos da terra.

Assim, o ser mulher, que pensa com o coração e age pela emoção, consegue vivenciar todos os sentimentos de tristeza e de alegria, porque:

- com lágrimas, ela sente as dores de quem sofre;

- com a doçura de suas palavras e com o orvalho de seu carinho, ela faz florescer, nos corações, a árvore da bondade que, embalada com a brisa do amor, transmite à consciência humana o canto da melodia mais linda da partitura da vida – **o hino da felicidade!**

Nesta comemoração – **Dia Internacional da Mulher** - manifestamos todo o nosso carinho e nossa afeição ao ser mais lindo da criação de Deus:

## A MULHER – O ANJO DO AMOR

### FIRMAMENTO

Estrelas bailam em teu olhar noturno,  
Tua alma encerra tesouros esquecidos.  
Em teu olhar há algo de soturno  
A contrastar com o azul de teus sentidos.

Na noite és ternura recém-finda  
Feita das cores do entardecer.  
Na manhã seguinte a brisa te ilumina  
E o amor te acorda, em eterno renascer.

Morena deusa! Infinito enleio!  
Teu corpo é Bruma mansa que se esgarça  
No oceano vivo de meu devaneio.

Quero-te assim: etérea, bem fulgente,  
Inigualável luz que em meu ser disfarça  
A feliz suspeita do amor presente!

Roberto Bezerra de Menezes  
Associado da AABNB

## LAMENTOS DE UM TERNO

Laurindo Ferreira  
Associado da AABNB

Na realidade, aqui, se pretende repassar o desabafo de um terno a caminho da aposentadoria compulsória. Haja vista, a chegada de um novo e semelhante vestuário, disposto a tomar-lhe o lugar no guarda-roupas, bem como nos compromissos sociais do seu proprietário.

Ao perceber a presença do seu mais recente concorrente, o velho terno, por já possuir estória, pôs-se a desfilar uma série de vantagens vivenciadas em colóquio com o seu dono. Em dado momento, o meu personagem relata para o seu desafeto: “olha, na minha juventude tive momentos de glória e prestígio junto ao meu patrão, ele, também, no vigor da idade”.

Sequenciando o descrever temporal, o velho terno toma a ofensiva: “freqüentei ambientes finos e elegantes”. Reconhecia, inclusive, ter sido o predileto nas festas de casamentos de pessoas importantes. Dizia ele: “nesses momentos eu me apresentava imponente, participando da festa e vendo a satisfação do meu dono por estar bem vestido”.

Adicionalmente, narra: “algumas vezes, eu me integrava ao seu labor diário, em cujo ambiente de trabalho o bem-vestir era a marca maior, numa visível competição entre os administradores da empresa. O meu patrão cuidava de mim com zelo. Não obstante a ausência de impurezas, ele me mandava à lavanderia regularmente”.

O tempo passa... e tudo se transforma, reconhecia o velho terno. Agora, receava terminar a vida num asilo de roupas velhas, a exemplo do que tem acontecido com pessoas idosas, embora ainda muito capazes de serventias múltiplas.

Nessa avaliação, ele, chegou a acrescentar: “vejo a minha família (paletó, calça, colete, camisa, gravata e sapatos) preocupada, diante da possibilidade de cada um e cada qual tomar rumo diferente, e, em conseqüência, perder a identidade do convívio íntimo, do patrão comum e da vida sob o mesmo teto”.

Como membro da família, disse o paletó: “assusta-me imaginar um dia ser jogado num caminhão de lixo e, pelo girar da betoneira, ter as minhas mangas separadas do meu tronco, a cujo ato, imagino, possa se seguir a remessa para um aterro sanitário, com o destino final sendo o rúmen de um bovino pastando naquele local”.

O sapato, conhecedor da estória de um semelhante, teme seja colocado numa lixeira, na porta da rua, sujeito a ser abocanhado por um cão vadio, e, preso em seus dentes, ser levado rua acima, rua abaixo... podendo, após abandonado na pista de rolamento, ser atropelado por um carro de madame.

O colete, peça que enseja brilho e elegância a quem o veste, verbaliza ter o receio de ser remendado com tecidos de cores berrantes, para ser utilizado numa quadrilha junina, em cujo evento as pessoas da cidade costumam ridicularizar o humilde sertanejo de baixo poder aquisitivo.

A camisa, a calça e a gravata declararam-se preocupadas pelo provável destino: uma loja de venda de roupas velhas. À luz desse raciocínio, e numa premonição coletiva, quem sabe, possam vir a ser adquiridas por um marginal. E, aí, acabarem a vida sendo perseguidas pela polícia, com o risco iminente e real de receber um tiro, por um ilícito cometido no passado ou no presente, pelo seu atual proprietário!

*“Mudado o que deve ser mudado, é a vida!”*

## O BOI DO CHICO NOVA

José de Maria Timbó  
Associado da AABNB

Por volta do ano de 1940, havia nas matas da “lagoa tapada”, município de Tamboril, um boi bravo, muito grande e valente, o qual poucas pessoas tiveram oportunidade de ver no pasto, tal era a sua sagacidade. Na linguagem do sertanejo, via-se apenas o abrir e fechar do mato e ouvia-se o seu mugir. Habitava na Caatinga Fechada e de difícil acesso, a dez quilômetros da morada mais próxima.

Sabendo da existência desse animal que pesava aproximadamente seiscentos quilos, o Sr. Chico Nova, que era comprador de gado na região e transportava boiadas, de trem, para o abate em Fortaleza, teve a idéia de procurar o seu proprietário e comprá-lo por preço baixo, em função do mito e do risco que corria o comprador de não conseguir pegá-lo por se tratar de um touro caborjado, mesmo assim, o experiente boiadeiro, arriscou e o comprou sem ver.

E em fins d'água, dirigiu-se à fazenda do seu cunhado Chico Timbó, a quem confiou a captura do animal. Aceito o desafio, Timbó delegou a tarefa a seu filho Joaquim, respeitado vaqueiro dos sertões de Tamboril, homem esperto e corajoso, que ao contrário dos vaqueiros das atuais festas de vaquejadas, tinha o poder de, sozinho, montado em seu cavalo de campo, perseguir, derrubar, cerrar os chifres, castrar, ferrar, mascarar e colocar o chocalho no barbatão. Segundo suas próprias palavras, a partir desses atos “o bicho passava a obedecer as suas ordens”. E era conduzido com o seu apoio para

onde ele quisesse.

No dia combinado, bem cedo como era de costume, lá se foi o Joaquim para o campo, montado em seu cavalo alazão e vestido em seu terno de couro macio e cheiroso em busca do boi, ou touro (para o sertanejo, boi é o animal castrado).

O curral mais seguro da fazenda Juazeiro dos Timbó aguardava o desfecho do caso, que deveria ocorrer nas primeiras horas da tarde. Malgrado os esforços, a dupla vaqueiro e cavalo, mais uma vez tinha sido vencida pelo furor do animal. E ao cair da tarde, regressava o intrépido vaqueiro a pé e aos gemidos, apoiando o ombro com o outro braço.

Refeito da dor, relatou o ocorrido. “Ao chegar no exato local deu de cara com o novilho e, sem hesitar, antes que ele desaparecesse mato adentro, se curvando sobre a lua da cela, chicoteou o alazão e partiu em busca da caça, na certeza de que o boi logo se atrapalharia na mata fechada e ele o derrubaria pela calda, (Diz o adágio popular que onde passa o boi, passa o cavalo e o vaqueiro), infelizmente não era o dia do caçador e alguns metros adiante todos já desenvolviam grande velocidade: galhos de jurema pelos lombos, moitas retorcidas, esporas encravadas na barriga, rédeas soltas e a distância entre boi e cavalo encurtando. Em dado momento o cavalo meteu as patas da frente em um formigueiro e, caindo, teve fraturas expostas e a parada brusca o jogou longe pelas orelhas do cavalo tendo fraturado a clavícula”.

Acidente grave para a época, tendo em vista a inexistência de médico e hospital na região.

Chico Timbó, apesar de ser um homem sério, via as coisas com muito bom humor, então, com sessenta anos de idade, era um camponês experiente no manejo do gado e também teria tido seu período de glória, como vaqueiro do Coronel Zé Liberato, nos sertões de Sobral e Santa Quitéria no final do século dezenove, início do século vinte.

Em um gesto do mais absoluto cumprimento da palavra assumida com Chico Nova, Chico Timbó convidou um cabra bom-de-gado chamado Zé Inácio e, em tom irônico com o filho Joaquim que convalescia, prometeu que levaria pessoalmente o boi para a estação ferroviária de Sucesso, a três léguas dali. Dito e feito.

Dizia Chico Timbó que aquele tinha sido seu último trabalho como vaqueiro, e esbanjando experiência, contava em tom jocoso, que antes estudou a região e compreendeu que o boi correria por determinada clareira na mata em direção ao sul; mandou Zé Inácio abordar o animal pelo norte e o esperou a um quilômetro, mais ou menos, quando o boi apareceu, já cansado, foi fácil capturá-lo. Zé Inácio e seu cavalo participaram da façanha com a força e o cansaço, enquanto o velho vaqueiro entrou com a experiência, fechando com chave de ouro aquela que foi a sua profissão e deixando o exemplo de que a astúcia pode mais do que a força.

## ROSAS DO ORVALHO

Às portas dos Postos de Distribuição Gratuita, dos Hospitais, das Autarquias ou dos Gabinetes - Rosas do Orvalho, que a manhã viram nascer em luz! - estão os miseráveis.

Às vezes acontece (que tristeza!) deixarem uma pedra marcando os seus

lugares na fila, mal o galo termina sua primeira cantiga da noite.

Chega a manhã rindo de sol (eles chegaram com as trevas) mas só bem mais tarde entrarão, por uma porta especial, chefes e atendentes - treinados em relações humanas - aqueles que em breve os desenganarão com um sorriso.

João Bosco da Silva  
Associado da AABNB - Teresina / PI

Corações de pedra, ensaiada compaixão na voz, não viram a multidão com a esperança nos olhos, tampouco quererão saber que, algumas horas antes, uma pedra indicava, numa fila sem fim, o lugar daquela Esperança que agora se desvanece ante a resposta fatal: - “Lamento muito... volte no mês que vem”.

## UMA ESTRELA QUE BRILHA

JOSÉ BONIFÁCIO PEREIRA  
Aposentado BNB João Pessoa

Três horas da madrugada... Como vem acontecendo, nestes últimos dias, desde que ela se foi, mais uma noite perco o sono. Mais uma noite insone. A incapacidade de conciliar o sono, pensando nela, me faz levantar da cama e, nesta noite, não foi diferente. No silêncio dos que àquela hora dormiam, o tic-tac de um antigo relógio de parede, herança de meus pais, parecia soar mais forte. Por todos os cantos a impressão de um vazio. Um vazio que nada e ninguém poderão preencher. A sentida ausência dela me leva a um estado de profunda tristeza. Enquanto todos repousavam no sono, na escuridão da noite eu me via sozinho dentro de casa.

Desperto, na procura de respirar um pouco de ar puro, vou para o terraço, em busca de um refúgio nestas horas de aflição e tormento. Na

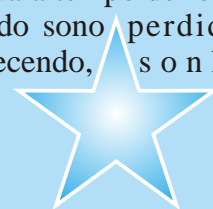
quietude daquele local, na tristeza da separação daquela que foi tudo na minha vida, o meu pensamento, perseguido pela paixão das reminiscências, vaga por um passado um tanto remoto, recordando os tempos felizes que passamos juntos. Juntos, sentíamos-nos amados e felizes. Como a tinha amado! E amava-a com ternura. Há 51 anos, ao pé do Altar de Deus, a ela, havia entregado todo o meu amor. Jurei amá-la para sempre. Agora, só, mais que nunca, amargo a solidão nas noites maldormidas.

Como ela era bondosa e compreensiva! E que falta está me fazendo. Na dor da saudade, dor que me acompanhará para o resto de minha vida, chorando ao lembrar a sua partida, uma lágrima me desce pela face. Difícil está sendo enfrentar

a viuvez, quando ainda tínhamos muito para nos amar.

Ao levantar os olhos para o alto, vejo, entre as nuvens, bem ao longe, uma pequena estrela brilhante e resplandecente que risca o céu deixando um rastro luminoso. Naquele momento, uma sensação estranha passa-se comigo. Um arrepio percorre todo o meu corpo. Senti que aquela estrela era a minha **Ceres**, que se deslocava no espaço sideral em busca do infinito.

Absorto com o acontecido, não senti o tempo passar. Com a hora avançada, o dia amanhecendo, volto para o quarto ainda a tempo de recuperar um pouco do sono perdido. Deito e, adormecendo, **s o n h o** com ela...



## UMA LIÇÃO DE EQUILÍBRIO

Autor Desconhecido  
A pedido do Associado Nilo Tinoco Miranda

Acompanhava um amigo à banca de jornal. Meu amigo cumprimentou o jornaleiro amavelmente, mas, como retorno, recebeu um tratamento rude e grosseiro. Pegando o jornal que foi atirado em sua direção, meu amigo sorriu atenciosamente e desejou ao jornaleiro um bom final de semana.

Quando nós descíamos pela rua, perguntei:

- Ele sempre lhe trata com tanta grosseria?
- Sim, infelizmente é sempre assim.
- E você é sempre tão atencioso e amável com ele?

- Sim, sempre sou.
- Por que você é tão educado, já que ele é tão rude com você?
- Porque não quero que ele decida como eu devo agir.

Nós somos nossos “próprios donos”. Não devemos nos curvar diante de qualquer vento que sopra, nem estar à mercê do mau humor, da mesquinha, da impaciência e da raiva dos outros. Não são os ambientes que nos transformam e sim nós que transformamos os ambientes.

### TEU COMEÇO, MEU FIM!

Treze, meu número preferido.  
Hoje temos a vida ao inverso.  
Quisera ser ele, ser querido,  
só me resta lamentar em verso.

Ah! Vamos falar de alegria:  
Vinte e sete volta sete dois,  
meu mar de rosas, minha mania  
é você d’antes e do depois.

Queria poder dizer o que sinto,  
mas as paredes escutarão.  
Digo, porém, o que devo, e minto,  
pois não fala assim meu coração.

Waldir Freitas  
Associado da AABNB

### ESCLARECIMENTO

O artigo “Embalagem para Picolés”, de Arnóbio Cândido de Almeida, inserido na edição anterior, foi publicado originalmente no Jornal o Povo em 31 de outubro de 1959.

Correção: A palavra Aracaju, do artigo “O Calçadão de Aracaju”, da autoria de Laurindo Ferreira, foi acentuada, equivocadamente, na diagramação.